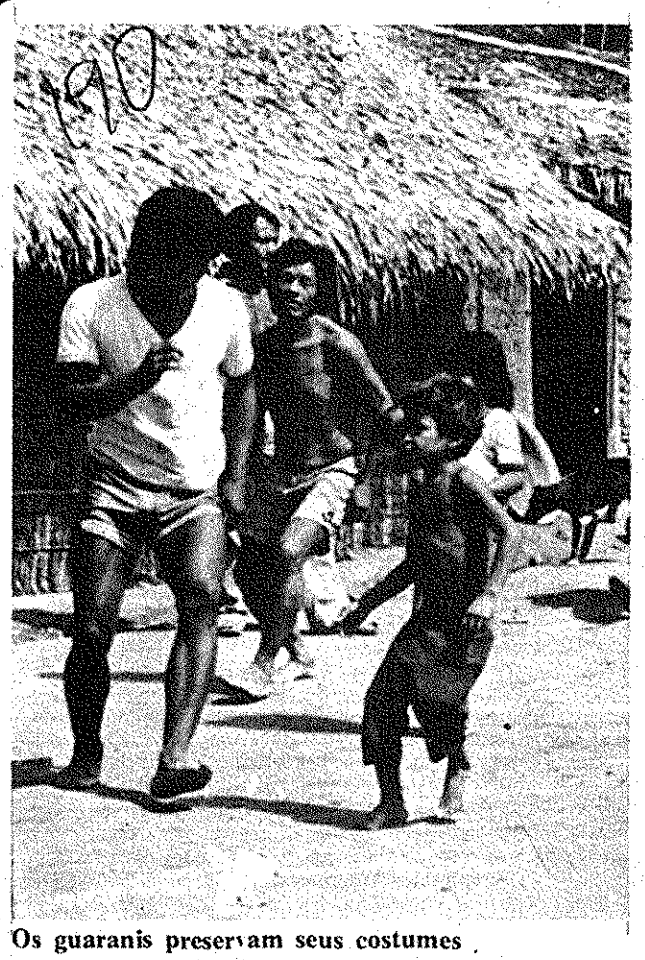
Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: Jornal do Vitória Class.: 103
Data: 30/04/84 Pg.:



Os guaranis preservam seus costumes

Jonas (sentado) é o capitão

João, cacique há 20 anos

Sezenando, cacique tupiniquim, quer a saida dos brancos

Índios enfrentam dificuldades e reivindicam ajuda em Aracruz

Ontem, Dia do Índio, a única tribo indígena do Estado que ainda mantém relativamente viva parte de suas características e costumes primitivos, a Guarani, reivindicou, mais uma vez, ajuda da comunidade para que seus integrantes possam trabalhar e sobreviver. Há fome no local onde os índios vivem quase que exclusivamente da venda do artesanato — atividade prejudicada com o fim da temporada de verão e o consequente afastamento dos turístas. Cinco quilômetros após os guaranis, na localidade de Caieiras Velha, também em Aracruz, estão os tupiniquins, últimos remanescentes da tribo no país. Ali, a principal exigência continua sendo a retirada dos brancos da região.

A aldeia Boa Esperança, segundo o conselheiro da tribo, João Carvalho (ou "Cuari Mimbi" possui 30 alqueires e ali vivem os guaranis. 16 famílias que preservam a língua e parte dos costumes que a tribo não quer perder. Cada família possui, em média, quatro filhos, todo devidamente registrados com nomes de brancos. O registro, segundo "Cuari Mimbi", é necessário porque, sem ele, os índios não são atendidos em hospitais e nas unidades ambulatoriais.

DIFICULDADES

A vida na aldeia é de muita dificuldade. Os guaranis praticamente não possuem áreas cultivadas, lamentando a existência de um enorme charco que impede a plantação de determinados produtos. Também alegam falta de ferramentas e de substâncias capazes de dar fim às formigas e às pragas que destroem o pouco de mandioca e de milho que têm plantados na região. O cacique João dos Santos, "Cuari Tudiá", é quem dá a palavra final na tomada de posições da tribo e suas decisões, respaldadas pelo conselho, são levadas a efeito através do capitão Jonas Ernesto da Silva — "Cuari Avapoti".

A alimentação dos índios guaranis é bastante pobre. Comem o pouco que plantam e só adquirem a comida dos brancos (arroz, leite em pó, etc) quando o artesanato é vendido nas ruas. Eles trabalham a madeira e fabricam arcos, flechas, balaios, espanadores, tacapes, cestas e peneiras, vendidos a preços variados, a partir de Cr$ 1 mil. Cada família comercializa o artesanato por ela trabalhado, revertendo o dinheiro em comida. Aquele que nada vende em determinado dia é auxiliado pelos demais integrantes da tribo.

Há 20 anos o cacique é o mesmo, "Cuari Tudiá", que assumiu o posto deixado por seu pai. O capitão "Cuari Avapoti" foi escolhido há seis anos, democraticamente, numa festa em que oito candidatos concorriam ao cargo. É ele o braço direito do cacique, que faz cumprir a lei interna e que, se precisar, pune o índio que a desrespeitar com trabalho.

Na última quarta-feira, quando Vitória praticamente parou para participar de uma manifestação pelas eleições diretas já, que reuniu, na praça Oito de Setembro, aproximadamente 60 mil pessoas, os guaranis também estiveram na concentração popular. "Índio só se preocupa com sua terra. Mas fizemos questão de ir até Vitória porque queremos sempre saber quais são os deputados e políticos que estão do nosso lado. Gostamos muito porque dois deputados falaram sobre nossos direitos. Disseram que os brancos estão tomando nossas terras", disse o conselheiro.

FUNAI

Como os tupiniquins, os guaranis também não aprovam as decisões adotadas pela Funai, que, segundo "Cuari Mimbi", não apóia a raça indígena. "Funai só quer ajudar os brancos, por isso nós não deixamos que o representante do posto que ela mantém em Caieiras Velha venha muito até aqui. Sem trazer nada de bom para a tribo, ele não fica muito tempo". Em relação ao cacique Mário Juruna, deputado federal pelo PDT, os guaranis aguardam oportunidade para falar com ele. "Até agora, ele não ajudou o índio", garantem.

Na última quarta-feira, o cacique se reuniu com a comunidade e, ontem à noite, todos rezaram por Oreru Tupã, o deus adorado da tribo, por melhores dias. Os guaranis, depois de Tupã, adoram o Sol, a "luz divina" e a Lua, que é quem dá as referências sobre os meses e os dias do ano. "Nossa tribo não quer perder as tradições, por isso todos falamos a língua guarani", asseguram. Já não há muito peixe na região e a caça é escassa. Os brancos invadem a reserva e levam consigo os palmitos. Os guaranis não comem caranguejos e siris e garantem que o que restou para caçar, em maior quantidade, foi o gambá. "Guarani viveu sempre da agricultura, por isso nós não gostamos de caranguejo". Também fazem vinho de milho, transformam a mandioca em beiju e preparam um prato especial com o fubá.

Entre eles, a determinação pela preservação da raça é inquestionável. Os guaranis só se casam com guaranis e, devido a esse fato — e porque não são promovidas uniões entre parentes —, a aldeia Boa Esperança tem hoje três índias e cinco índios solteiros. Para se casar, eles terão que viajar, ou então convidar guaranis de outra região do país para que um casamento aconteça. Foi assim com "Queretu", que há dois anos viajou até Ubatuba, em São Paulo, lá se apaixonou e casou com a índia Verá Mirim".

"Queretu", ou Antônio Carlos, conheceu "Verá Mirim", ou Cristina, e dela passou a gostar. "Nós fomos daqui para lá, onde houve uma reunião de índios guaranis. Lá a gente se gostou e eu então fiquei trabalhando com os pais dela durante nove meses, até que houve o casamento". "Verá Mirim" também é originária de uma tribo pobre. Na aldeia Boa Esperança, onde o índice de mortalidade infantil é grande, segundo o conselheiro, a vida transcorre sempre com dificuldade. Mas ontem, à tarde e à noite, mesmo comendo e se vestindo mal, os índios se reuniram em torno do violão de "Verá Pote", ou Júlio da Silva, e dançaram bastante.

Distante cerca de cinco quilômetros da aldeia dos guaranis vivem os remanescentes da tribo Tupiniquim no país. Como seus companheiros, eles também perderam parte de suas terras para a Aracruz Celulose e hoje só lhes restam de área demarcada pela Funai, 1.500 alqueires. Com os tupiniquins — 65 famílias compõem a tribo — vivem 35 famílias de posseiros. São eles, que habitam a região há mais de 20 anos, segundo o cacique José Sezenando, de apenas 25 anos, os responsáveis pela não-preservação da cultura da tribo.

Hoje, em Caieiras Velha, lugarejo onde os índios habitam — há também tupiniquins em Pau Brasil e Comboios — nenhum tupiniquim — à exceção de Gabriela Maria do Rosário, a mais velha da tribo e que não calcula sua idade — ninguém sabe falar tupiniquim. Dona Gabriela, aliás, afirma que esqueceu. A região possui luz elétrica e a televisão faz parte do cotidiano. Tal "progresso" foi obtido com a indenização paga pela Aracruz pelo eucalipto que ficou na área dos índios, quando da demarcação pela Funai. Com o dinheiro, eles compraram barco de pesca, equipamentos para uma fábrica de farinha de mandioca, gado e instalaram a luz.

Sezenando, o cacique, é também funcionário do posto da Funai. Dirige o carro do órgão e pelo trabalho recebe, mensalmente, um salário mínimo. Mesmo assim, garante: "Trabalho com a Funai, mas estou sempre defendendo os nossos direitos. Aliás, a Funai não é ruim. Alguns funcionários é que são ruins". É ele quem assegura que o modo de vida dos indígenas se modificou a partir da chegada dos brancos. "Os índios mais velhos doaram algumas áreas para pessoas pobres. Hoje, eles estão aqui dentro, alguns gerando problemas. O palmito, por exemplo, é tirado pelo branco", diz ele.

Caieiras Velha tem escola de 1º grau, onde as crianças são alfabetizadas. O que restou da cultura dos tupiniquins, segundo Sezenando, é somente a dança, uma espécie de congo. O que a difere da praticada pelos negros é o fato dos tambores serem feitos de troncos de árvores e não de barris. Na escola, segundo Sezenando, as crianças adquirem uma visão civilizada sobre os índios. "Pedimos para a Funai tirar os brancos daqui. Só assim poderemos viver para nós mesmos". Agora, depois de várias promessas, o cacique assegura que a possibilidade do fato acontecer parece mais próxima. "Ontem, o chefe do posto recebeu um rádio que falava sobre isso", afirmou.

TRABALHO COMUNITARIO

Ao contrário dos guaranis, os tupiniquins trabalham mais a terra. Umas 20 famílias que não se dispõem a efetuar os trabalhos na lavoura, segundo Sezenando, não recebem a parte que lhes cabe na hora da distribuição. "É tudo dividido entre aqueles que plantam e cuidam da plantação. Aqueles que não aceitam, vivem da caça e da pesca, no rio Piraqueaçu". O cacique, que assumiu o posto em substituição a seu pai, Alexandre Sezenando, afastado por problemas de saúde (hoje é ele o capitão), coordena os trabalhos da tribo auxiliado por um conselho composto por 12 índios.